

Crepúsculos dos *Anjos*

Maria Rita Silva



Crepúsculos
dos
Anjos

Maria Rita Silva

Crepúsculos
dos
Anjos





A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem, nela contidos, que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

Crepúsculos dos Anjos

Copyright © 2018, Maria Rita Silva

Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora

*Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 — Pça Tiradentes
Centro — 20060-030 — Rio de Janeiro*

*Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br*

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Pod Editora

Imagem de capa:

www.pixabay.com.br

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S581c

Silva, Maria Rita

Crepúsculos dos anjos / Maria Rita Silva. 1ª ed. — Rio de Janeiro: PoD, 2018.

146p. 21cm

Inclui índice

ISBN 978-85-8225-185-0

1. Romance brasileiro. I. Título.

18-49675

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

11.05.18

15.05.18

Sumário

Prefácio.....	7
Parte I A viagem.....	9
Parte II A chegada a Portugal	17
Parte III O lar	25
Parte IV O mistério de Eve.....	33
Parte V O reencontro.....	45
Parte VI A confissão	61
Parte VII O desaparecido	95
Parte VIII A carta	97
Parte IX A confusão	109
Parte X A testemunha	119
Parte XI A segunda carta	125
Parte XII A exumação.....	135
Parte XIII O traidor	139
Parte XIV A caçada.....	145
Parte XV Final	157

Prefácio

Toda história nos remete a lugares e acontecimentos que nos parecem já vividos.

Todavia, não foi assim para a menina Eve, a qual teve uma infância irremediavelmente sofrida e que jamais poderia sonhar que moraria na Europa e que viveria um grande amor.

Quis o destino que ela se tornasse órfã muito cedo e com um irmão para cuidar, tirando assim o seguimento correto da vida. Escola, liberdade e brincadeira com boneca.

No entanto, o destino reservou-lhe uma vida muito diferente da qual havia sonhado. As lágrimas e o sofrimento foram o que rodeou sua infância. Curiosamente, sonhos distantes da realidade transformaram aquela menina em uma linda mulher, educada, sensível, porém com um passado negro escondido a sete chaves.

Seu irmão foi tirado de sua companhia. Foi abusada, violentada e espancada diversas vezes.

Viveu um redemoinho de emoções o qual não estava preparada para enfrentar. Conheceu o bem e o mal, a alegria e a dor e seu sorriso foi trocado por lágrimas.

Conheceu Portugal, onde trabalhou como cuidadora em um lar e sentiu de perto a realidade daquela instituição. Viu que lá também os velinhos sofriam muito sendo maltratados. Crepúsculo dos Anjos como era chamado por Eve, não era diferente das clínicas do Brasil. Decepcionada e triste, ela cumpria seu destino, ali sim pessoas tão diferentes faziam valer a ditadura, deixando de lado o amor necessário para essa profissão.

Porém, as chagas mais profundas estavam por vir quando seu passado secreto voltou à tona.

Gilberto, seu algoz, rompeu das profundezas para arrastar sua vida num mar de desespero e dor.

Embora sentisse que tudo estava no fim, lutou bravamente e

ressurgiu como fênix e assim Pedro, seu grande amor, cuidou das flores e fez surgir um lindo jardim de esperança em sua vida.

Parte I

A viagem

Brasil, dez de abril de 2002.

Eve se prepara para deixar seu país, embora isto lhe cause muitas dúvidas.

Era uma manhã de quarta-feira, quando recebeu um telefonema de sua prima Natália, que estava morando em Portugal naquela época, em Aveiro.

— Alô, Natália? É você mesma? Verdade, você tem certeza, prima? Claro que eu irei! Está bem, é para pegar a passagem no balcão da TAP, aeroporto de Guarulhos. Prima, quando? Dia 12 agora, às 17,30h. Tudo bem, está tudo pronto sim, aqui ninguém suspeita de nada. Vou deixar a casa fechada e um amigo de confiança vai tomar conta de tudo, pagando as contas do mês como se eu estivesse viajando em férias. Pode deixar vou tomar bastante cuidado prima, diga estou prestando atenção, terei que fazer uma conexão em Lisboa e lá embarcarei para cidade do Porto, está bem. Um abraço...

Aturdida e muito ansiosa, Eve começou a preparar suas coisas e chorava pelo seu passado, sentindo que não poderia mais voltar para sua pátria, tendo que cumprir seu destino. Confusa, triste, ela não pôde se despedir de ninguém, apenas Pedro seu melhor amigo, foi quem soube da verdade. Sendo assim, Eve ligou para ele e lhe pediu mais um favor:

— Pedro, como vai, sou eu de novo, preciso de mais um favor, amigo. Você pode me levar para o aeroporto dia 12 próximo, pois é, não posso pedir a ninguém, sabe como é? Obrigada Pedro, sabia que podia contar contigo, fico devendo mais essa, amigo!

Enquanto falava, suas lágrimas insistiam em correr pela face endurecida pela mágoa e somente Pedro conhecia seu terrível segredo,

mas ainda faltavam três dias para que pudesse permanecer em seu adorado Brasil. Porém, quando se quer ficar, o tempo passa com muita rapidez e seu coração batia no compasso da ansiedade.

E chegou a hora de partir, como um fantoche ela caminha e vê seu sonho de felicidade ficando além do arco-íris. Pedro foi pontual como sempre, que pena, pensou Eve ao vê-lo chegar. Durante o percurso até o aeroporto eles trocaram poucas palavras porque havia no ar um silêncio dolorido de tristeza que ela resolveu quebrar momentaneamente:

— Vai cuidar de tudo na minha ausência? — Sua voz era rouca e demorava a sair, ela pigarreou. — Claro que sim, não é amigo?

— Cuidarei sim. Você tem alguma dúvida da minha lealdade?

Ele tocou suavemente a mão dela e beijou.

— Claro que não! Vou sentir tanta saudade de tudo — disse Eve, retribuindo o beijo na mão dele.

— De mim também, ou somente do seu passado?

— Principalmente de você.

Seu olhar ficou distante perdido no horizonte, Eve voltou o olhar para Pedro e continuou.

— Do meu passado não, do nosso país sim, dos nossos papos... — então, ela molhou os lábios ressecados pela ansiedade.

Pedro notou sua emoção e teve vontade de se declarar a ela.

— Vou visitá-la logo, você vai ver. Isto é uma promessa, está bem?

— Vou esperar com ansiedade Pedro. Você sabe que sempre estarei pensando em você, amigo.

Aqueles momentos foram de muita angústia para Eve, sentia vontade de dizer que queria que ele fosse com ela, porém não se sentia com esse direito. No estacionamento do aeroporto trocaram um longo olhar e o desejo do abraço, do beijo ficou camuflado no respeito que tinham um pelo outro. Enfim, chegou a hora do adeus e os dois não seguraram a emoção.

— Fique com Deus, Pedro e não esqueça que eu estou te esperando, viu? — Ela o puxou para junto de si. Por favor, não diga a ninguém para onde eu fui. Adoro você, amigo.

— Claro. Direi que não a vejo faz muito tempo, então como poderia saber alguma coisa sobre você? Mentirei por uma causa justa, pode contar comigo. Vai com Deus também, e se cuida, já sabe que, se precisar, é só me ligar. Não me esqueça, também adoro você.

Olhos marejados pra cá, olhos marejados pra lá, mãos grudadas sem querer soltar-se, dor e lágrimas de adeus, promessas, até que ela entrou na sala de embarque, enquanto Pedro acompanhava com aquele olhar de “fica meu amor, fica...”. Quando não pôde mais ver nem um fio de cabelo de Eve, desesperançado, ele voltou para sua cidade.

Pedro era um grande amigo de Eve, mas também um homem apaixonado por ela, que sonhava um dia conquistá-la. Eles se conheceram no Hospital São Vicente em Cabreúva, estado de São Paulo. Ele trabalhava como técnico em radiologia, divorciado e muito boa pinta. Moreno, alto de cabelos grisalhos e boca sensual, educado com princípios religiosos. Trabalharam juntos durante oito anos e sempre foi o confidente dela. Enquanto dirigia no caminho de volta para casa, ele não conseguiu evitar e chorou. Tomara Deus que minha amada amiga esteja fazendo a coisa certa. Queira Deus que dê tudo certo e ela consiga ser feliz, porque a verdade é que a situação dela aqui no país está muito complicada. Pedro pensava enquanto seguia rumo a Cabreúva. Puxa vida, ela bem que podia ter alegado inocência, foi um acidente! Não, talvez não desse certo. É, foi melhor ela ter fugido do Brasil e ter evitado a prisão, sabe como é a justiça aqui. Mas de qualquer forma continuarei a protegê-la, afinal eu a amo tanto! Quem sabe agora que está viúva, ela venha a me amar, sempre resta esperança para um homem verdadeiramente apaixonado! Se bem que tão distante de mim, não, não quero pensar nisso! Mas que existe possibilidade de que ela se apaixone por outro, isso existe, ela é tão linda! Ai que saudade!

E no avião ela tentava se acomodar em sua poltrona, mas sempre

enigmática, pensativa e triste. Na poltrona ao lado um senhor, português mostrava-se muito atencioso e simpático não demorando a puxar conversa com ela, que se retraía e mal respondia suas perguntas. Educada, ela dava-lhe atenção pois, de certa forma precisava de algumas informações sobre Portugal e de vez em quando esboçava um sorriso estreito, arriscando um olhar ou outro, aqueles de canto de olhos, quando a pessoa está muito assustada. Não que um senhor sentado ao lado dela lhe causasse medo, mas para ela tudo aquilo era novidade em sua vida. O ruído da nave, por exemplo, o fato de estar só, apesar do voo estar lotado. Fora aquela angústia causada pela primeira vez de voar que todo mundo sente, ela estava estática, tensa e introspectiva.

Embora o voo tenha atrasado uma hora tudo transcorria tecnicamente normal e somente às 21h, começaram a servir o jantar, porém uma tempestade interrompeu o serviço de bordo que só recomeçou bem depois. Eve se serviu de moqueca de peixe e suco de laranja. Seu companheiro de voo gentilmente lhe ofereceu um copo de vinho, mas delicadamente ela recusou.

— A senhorita aceita um copo de vinho, pois não?

— Obrigada, mas não estou acostumada a tomar bebida alcoólica, eu prefiro suco de laranja, abaixando o olhar acanhado.

— Está apreciando a comida?

— Sim, é muito boa.

— Esta companhia é excelente, sei disso porque faço esta viagem uma vez por mês.

— Ah, sim!

— A senhorita vai a passeio ou a trabalho? ele indagou tentando uma aproximação.

— Vou visitar uma prima. — respondeu Eve com certa desconfiança. É só passeio mesmo.

— Em qual cidade irá se hospedar?

— Em Aveiro.

— Aveiro! É muito bom lá, é uma bonita cidade, mas não deixe

de conhecer a capital Lisboa e tantas outras cidades de Portugal, mostrando-se entusiasmado, olhando-a fixamente.

— Ah, sim. — ela respondeu desinteressada, virando o rosto para o outro lado da poltrona, mas em seguida virou novamente para ele, pensando parecer um tanto quanto deslegante, disse.

— Claro, claro, obrigada pelo conselho, sorriu timidamente e fechou os olhos para pensar.

Fingindo estar adormecida, Eve revolvía seus pensamentos como num filme de mistérios, lembrando seu passado e tudo que a ele pertencesse. Passou por um pequeno sono cheio de atribuições devido ao som do ambiente, precisou ir ao banheiro, mas segurou, teve medo de caminhar pelos corredores estreitos da aeronave. Uma pequena televisão instalada acima da fileira central mostrava o mapa com a rota o tempo inteiro, Eve ficava arrepiada só em pensar no oceano Atlântico lá embaixo, imenso, solitário. E se o avião caísse? Nada restaria de nada, e ninguém jamais saberia a verdadeira história da mulher misteriosa e quieta de terninho azul.

De repente foi despertada pela comissária de bordo que lhe oferecia lenços umedecidos e perguntava-lhe se poderia servir o pequeno almoço. Ah! Pequeno almoço, era o café da manhã, claro ela aproveitou para alimentar-se muito bem, enquanto admirava o azul e as nuvens prateadas do céu português. Apesar da beleza lá fora, Eve guardou com ela alguns pãezinhos e geleia para mais tarde, pois não tinha uma só moeda consigo, a não ser um pouco de dinheiro brasileiro, mas que não adiantaria porque é o euro que circula em Portugal.

Lisboa estava esplendida naquela manhã de saudades, coberta pelo lençol prateado da manhã orvalhada, ofuscada pelos raios de sol que cobria a cidade. A natureza se encarregara de oferecer uma linda recepção à Eve, que ficou maravilhada com a vista do alto, vendo o Atlântico reluzente, envolvente dando boas-vindas a todos. Seu coração parecia querer disparar diante de tanto esplendor matutino português. Não fosse pelo motivo, o qual Eve fora obrigada a partir, tudo

estaria perfeito e esplêndido. Um novo caminho surgia diante dela, no entanto, estava fechada como um casulo, com medo do passado que tinha deixado a milhares de quilômetros atrás, mas que rondava sua mente.

No aeroporto de Lisboa, ao embarcar para cidade do Porto às 10,30h, um vento gelado acordou suas mágoas e encorajou-a a seguir seu novo destino, aspirou a brisa com cheiro de esperança e ergueu a cabeça. O voo durou apenas alguns minutos, tempo para fazer um lanche, assim Eve pousou em sua reta final, ou quase final.

O desembarque fora tranquilo no Porto, porém ela começou a ficar desesperada ao ver que não havia ninguém à sua espera. Decidiu então, pegar sua bagagem e dar umas voltas ao redor, até que fluíram as primeiras lágrimas dela ao sentir o tempo passando e ninguém aparecia por lá. Procurou um telefone para ligar, mas como, se não tinha dinheiro para comprar cartão? Andou de um lado para outro, pedia informação, mas ninguém lhe ajudava. Sentou-se a uma mesinha e chorou arrependida, com muito medo que Natália não aparecesse, abandonando-a, ali sozinha ao Deus dará. Depois de pensar bastante, resolveu pedir ajuda a uma senhora portuguesa que estava ao telefone no orelhão e se aproximou muito educadamente dizendo:

— Minha senhora, eu preciso ligar para minha prima vir me buscar, mas não tenho cartão, como faço para ligar a cobrar pode me ensinar, por favor?

— O quê? Como, não estou a entender! — respondeu-lhe grosseiramente sem nenhum interesse.

Eve explicou novamente para ela.

— É que eu não tenho cartão, pode me fazer uma ligação a cobrar nesse número, por favor? — Respirou fundo, com ar de brasileira perdida.

— É claro que não, pois se queres ligar compre um cartão,oras.

— Mas minha senhora, eu não tenho euro! Implorando, fazendo caras e bocas. — Por favor, entenda?

— Pois troque seu dinheiro ali no café, irritou-se a estúpida portuguesa.

— Mas eu não tenho dinheiro algum, chorando, pedindo com as mãos justapostas.

— Oras, vai se danar brasileira imbecil...

— Obrigada, bruxa portuguesa.

Eve ficou aturdida, desesperando-se totalmente, começou a lamentar-se. Ai meu Deus, o que eu vim fazer nesse país, que povo grosso e sem solidariedade! Estava muito arrependida com sua situação e por ter escolhido justo aquele país para se exilar. Onde estava Natália naquele momento? O que estava fazendo aquela ingrata? O que ela ia fazer se não aparecesse ninguém para apanhá-la? Pior que todo aquele sofrimento era sua vontade de fazer xixi, estava segurando, sabe Deus há quantas horas! Decididamente tinha que ir ao banheiro, nem que para isso tivesse que levar o carrinho com a bagagem, e foi, e levou, batendo pra lá, batendo pra cá, afinal, tudo estava perdido mesmo!

Sentou-se novamente na cadeira daquele café e começou a recordar seu passado de amarguras. Passado esse, que ela queria tanto esconder e esquecer. Mas somente Eve sabia o motivo. Somente uma pessoa podia conhecer aquele segredo terrível, ela própria. E se tudo desse errado, e ela tivesse que voltar, não isso nunca, para ela não tinha volta, principalmente para o Brasil, ninguém jamais podia descobrir o que ela havia feito com seu marido. Eve não podia recuar estava apavorada demais para isso, ainda mais depois daquele dia trágico em sua vida.

Seu passado retornou como filme e ela voltou ao dia em que perdera seu filhinho.

Eve trabalhava no pronto socorro do hospital São Vicente, seu plantão terminava às 22h, porém uma emergência fez com que ela ficasse até meia-noite trabalhando. Dedicada como era e apaixonada pela enfermagem, ela esqueceu-se que estava com seis meses de

gestação e do risco que corria indo tão tarde para casa, seu marido jamais a perdoaria e certamente ia lhe agredir de novo. Principalmente se ele estivesse bêbado, aí sim, seria o fim do mundo.

Gilberto era um homem machista ignorante, ciumento e não queria que Eve trabalhasse fora de forma alguma, porém, ele gastava tudo que ganhava em bebedeiras, mulheres e drogas. Era boxeador federado além de médico, mas não lutava por dinheiro e sim pelo prazer de bater e acumular troféus para se exibir depois. Tinha um porte atlético era um homem bonito e cobiçado na cidade. Ele era moreno, alto, olhos verdes, cabelos negros e lisos, atraente e sedutor. Apesar de ser um bom médico, como homem era um terror, mulherego e bagunceiro, só que para ele, isso era motivo de orgulho e masculinidade. Aquela madrugada Eve não podia esquecer jamais, chegou em casa por volta de uma hora da manhã.

— Ai que bom meu Deus, ele ainda não chegou! — Pensou Eve rezando em silêncio.

Contente porque não ia haver brigas, colocou a chave na fechadura e adentrou sem preocupação, como era de costume, caminhou no escuro sorrateiramente, quando foi violentamente agredida pelas costas. Gilberto estava esperando por ela e covardemente lhe desferiu um soco que a derrubou sobre a mesa de vidro. Os estilhaços rasgaram seu ventre, como lâminas manejadas por samurais enlouquecidos. O silêncio foi cortado pelo barulho de sirene. Eve foi levada para o hospital com a vida por um fio num mar de sangue sem fim. À beira da morte com a entranha dilacerada, não havia mais filhinho, não havia mais nada, nem mesmo esperança de uma nova gravidez. Depois de trinta e oito dias em uma UTI, só havia lamento como companhia, só havia dor e aquela cicatriz em seu ventre, dando-lhe a certeza de que jamais poderia ser mãe. Uma certeza acompanhada de uma dor profunda, um corte transversal marcando para sempre o destino daquela bela mulher que depositou todos os seus sonhos na alegria da maternidade.

Parte II

A chegada a Portugal

— Eve, Eve...

Ela sentiu uma mão amiga em seu ombro e voltou para realidade naquele momento

— Como está prima, por que choras?

Assustada, secou as lágrimas com as mãos e ergueu-se para abraçar longamente Natália, que sorria calorosamente.

— Natália! Pensei que tivesse me deixado aqui sozinha para sempre.

Apertou a prima contra o peito e desatou a chorar de alegria.

— Que bobagem a minha, estou assustada só isso!

— Por Deus, Eve! Uma mulher desse tamanho com medo! Acha mesmo que eu a deixaria aqui, claro que não prima.

Natália enxugou as lágrimas de Eve com as costas do dedo indicador suavemente.

Natália não estava só, Daniele a dona do lar que Eve ia trabalhar, sua filha Carolina e seu namorado acompanhavam-na. E Natália tratou logo de fazer as apresentações.

— Eve, esta é Daniele a dona do lar. Carolina sua filha mais nova, e Fred namorado de Carolina.

— Muito prazer. — disse Eve com um sorriso de alívio. Encantada mesmo!

— Estava chorando por quê? — perguntou Daniele, com aquele olhar de passar a limpo, fazendo uma vistoria cuidadosa em Eve.

— Estava assustada e com medo de ficar sozinha aqui sem dinheiro para comprar cartão telefônico.

— Ai Eve, acha mesmo que eu a deixaria aqui! Nós fomos tomar café porque sabíamos que o voo estava atrasado.

Explicou Natália novamente, acalmando Eve.

— Não chore prima, pois a vida é bela!

Brincou com ela para descontraír.

— Que tal nós tomarmos outro café, pois não? Sua prima deve estar com fome Natália. Disse Daniele.

— É isso mesmo Eve, quer comer alguma coisa, você deve estar com fome! Insistiu Natália.

Porém, Eve disse-lhes que tinha comido muito bem durante a viagem, abrindo a bolsa retirou alguns pãezinhos doces.

— Não obrigada. Eu ainda tenho isto que não consegui comer, eles servem muito bem, não é mesmo? Disse com um sorriso no rosto.

— Esta é minha prima! Brincou Natália, dando-lhe um leve beliscão em seu queixo.

Assim, eles partiram para a cidade de Aveiro, mais precisamente para Branca, no Bairro de Albergaria Velha. Durante o trajeto, Natália ia mostrando tudo e falava animadamente a respeito daquele país. Eve ia constatando a diferença existente entre Portugal e Brasil.

Daniele se mantinha calada, observando cuidadosamente, e prestando atenção no relacionamento entre as duas primas. Daniele, uma senhora de cinquenta e seis anos, bonita em seu modo agreste de ser, estatura mediana, olhos castanhos e cabelos também castanhos cortados na nuca com madeixas loiras, lábios estreitos e pele bem clara. Sorriso discreto e trejeito apertuguesado, deixando transparecer um grande coração, uma pessoa dedicada ao próximo.

Carolina se parecia bastante de rosto com Daniele, cabelos negros até a cintura, olhos castanhos e sorriso largo ao contrário de sua mãe, era alta e magra, parecia uma manequim de modos simpáticos.

Fred seu marido não era português e sim americano de Nova Iorque, sua aparência era comum, porém seu estilo de vida bem americanizado. Falava um português arrastado e carregava nos erres, metuculo e observador.

Eve seguia em silêncio prestando atenção na paisagem sem quase

ouvir o que Natália não parava de falar. Através dos vidros do carro de Daniele, ela não perdia de vista um canteiro de malmequeres amarelos, estava encantada com tantas flores ao longo do caminho, “que país florido, pensava”.

Sua prima Natália era a própria expressão da mulher brasileira, cheia de garra e falas musicadas. Uma mulher de meia idade com espírito jovial e sorriso maroto, daqueles que faz lembrar um samba cadenciado. Cabelos a ruivo de farmácia, costume do Brasil é claro, olhos verdes e de baixa estatura, mas o que chamava atenção em seu rosto era o delicado nariz, parecendo o de uma boneca de porcelana. Natália apesar de apaixonada por Portugal não deixava de ser uma brasileira autêntica, de bom humor e de bem com a vida, perspicaz e matreira, atrás das marcas profundas de vivência e de um passado difícil. Secretamente sonhava com um futuro melhor para si e para a prima.

Eve ao contrário de todas as mulheres daquele país, não conseguia esconder sua origem porque era a verdadeira e total receita abasileirada. Um coquetel de balanços e brilho no olhar, a morena cor de jambo e cabelos negros, tinha o cheiro do cacau e o sabor do café. Ancas protuberantes e cintura de violão, alta e voluptuosa, dentes perfeitos e lábios grossos naturalmente rosados, olhos amendoados cor do mel, e quando caminhava jogava o quadril pra lá e pra cá, formando ondas das águas de Iemanjá, tudo de maneira espontânea, seu suor, ora cheirava a canela, ora cheirava a cravo, sua sensualidade era comparada ao canto da sereia, espalhava graciosidade silvestre como uma rainha. Seu toque suave era como a brisa de verão e seu olhar penetrava a alma masculina, prendendo-a como animal hipnotizado. Mostrava-se cautelosa ao primeiro contato, expressiva e solta ao segundo momento, porém, depois se entregava como criança em sua festa de aniversário.

Estava na flor da idade com trinta e dois anos de sofrimento, desde que perdera sua mãe, ela só tinha um irmão Carlos, a cunhada Elisabete, e a sobrinha Bárbara a grande paixão de Eve. Os pais se

separam quando ela tinha apenas quatro anos, fato esse que marcou muito a sua vida, pois o pai era alcoólatra e espancava a mãe em sua presença, deixando traumas que carregaria consigo. Ele morreu quando ela fez seis anos de uma forma trágica, atropelado pelo caminhão de lixo misturado a folhas secas em uma rua escura no auge de uma bebedeira.

A mãe de Eve trabalhava em um matadouro de galinhas, ora no calor dos caldeirões escaldantes, ora na câmara gelada para conservar a carne. Uma mulher de constituição miúda e pouca saúde, era o arrimo da família e não podia deixar o emprego, morreu doente com tuberculose e de tanto sofrimento. Tanto cuidou para não deixar os filhos ainda pequenos, que acabou antecipando a tragédia. Eve ficou com dez anos e Carlinhos com oito, sozinhos no mundo. Eles ficaram com a casinha em que moravam, pois esta pertencia aos pais de direito, não era muito, mas tinham um teto para abrigar-lhes. A menina ficou morando na casa com o irmão por um ano, lavando roupas para fora, mentindo que a mãe estava internada e com medo que alguém descobrisse sua real situação, denunciando-os a uma instituição de menores e o que era pior, separando-os.

Ela abandonou a escola temendo deixar Carlinhos sozinho, e se alguma coisa acontecesse a ele, jamais se perdoaria. Suas mãos estavam grossas e feridas devido ao uso do sabão de pedra e de tanto esfregar a roupa. Durante a noite sentia dor nas costas pelo longo dia de trabalho no tanque. Eve recordava da mãe ouvindo suas canções preferidas no pequeno radinho de pilha que ficava na janela da cozinha, enquanto lavava a louça do almoço de domingo e a mãe lavava as roupas da casa. Que tempo bom! Sentia o peito apertar de saudades e o estômago roncando de fome, então esfregava aquelas enormidades de roupas bonitas, mas, que não lhe pertenciam. Cantarolava algumas melodias para afastar o desespero, cantava bem alto para disfarçar a melancolia.

A mãe de Eve chamava-se Catarina e era fã do programa Paulo Barbosa, hábito esse que sua filha adotou muito cedo.

Eve gostava de ir com o irmão na casa da vizinha Geralda assistir novelas. A bondosa amiga sempre lhes dava um prato de sopa e um pão, Eve colocava seu pão escondido na roupa porque Carlinhos costumava chorar durante a noite de fome. A vida daqueles dois seres era uma verdadeira batalha, mas eles possuíam um teto, ao menos e podiam almoçar todo dia em uma lanchonete, não de graça, Eve lavava as toalhas em troca das sobras dos fregueses.

Assim se passou um ano até que, um dia, a sorte lhe faltou, Carlinhos sofreu uma queda em casa e quebrou o braço enquanto ela estava fora entregando uma trouxa de roupas. Os vizinhos ouviram os gritos do menino e socorreram-no, mas Carlinhos acabou contando que a mãe estava morta, e que era a irmã de doze anos quem cuidava dele e mantinha a casa. Antes que Eve pudesse encontrá-lo, o Juizado de Menores foi acionado para acompanhá-lo ao hospital. Eve retornou e encontrou a casa vazia, desesperada correu pela vizinhança procurando pelo irmão e então ficou sabendo que ele tinha sido levado para o hospital pelas mãos do Poder Judiciário; aflita afirmou que estavam vivendo só os dois naquela casa.

Um tio distante, cunhado de Catarina, que há muito tempo não dava notícias se ofereceu para ser o tutor e morar com eles dando assistência aos menores, porém ser útil e ajudá-los era a última ideia, que passava pela cabeça daquele homem que os irmãos nem conheciam.

— Ah, minha sobrinha querida! Não chora, seu titio está aqui para cuidar de vocês. Sabe como é! Família é pra isso, sobrinha. Tudo soava muito falso.

— Não precisamos de nada tio! — respondeu Eve, cismada e desconfortável na presença do tio.

— Precisa sim, depois foi decisão da justiça. Além do mais, já está ficando uma mocinha e precisa continuar estudando, seu irmão não sabe nem o caminho da escola, só porque você cismou de morar sozinha.

— Não tio, eu não quero nada do senhor e posso cuidar do

Carlinhos. Vou matricular ele, nós dois estudaremos à tarde, e de manhã eu lavo as roupas.

Eve estava tremendo de raiva pela insistência do seu tio.

— Deixa, eu faço tudo que o Juiz quer.

— Você é menor menina, não percebe que os dois serão levados para um lar de criança abandonada? Vai ficar lá até que alguém adote um dos dois. Poderá se separar do seu irmão e nunca mais vê-lo, é isso que quer?

Ela ponderou e ficou muito assustada com a ideia de se separar de Carlinhos, mesmo porque, o tio não ia desistir fácil e chamaria o Juizado de Menores para conseguir o que queria. Contrariada, Eve concordou, deixando que o tio fosse morar com eles. Não demorou muito para que Eve percebesse o quanto o tio não prestava, pois, seu único bem, a casinha, foi vendida e o dinheiro, ele dizia estar em uma poupança em nome dos dois. Com isso, eles foram levados para casa do tio, e aí sim, a vida deles se tornou um suplício.

O tio João, como era conhecido nos bares da pequena cidade de Cabreúva, passava a maior parte do tempo bêbedo e apanhava da amá-sia, uma situação intolerável para os irmãos Carvalho. No começo, os dois estudavam, mas com o passar dos dias, só Carlinhos continuou, pois Eve teve que arrumar um trabalho de doméstica para sustentar o vício da tia madrasta que também bebia e dormia o dia todo. Carlinhos, quando chegava da escola apanhava de cinto e tinha que fazer todo trabalho da casa. Tudo era muito precário e eles não se preocupavam em comprar comida, viviam na sujeira e quando ela chegava do trabalho, ainda tinha que preparar o jantar se quisesse comer e alimentar o irmão.

Os dois dormiam juntos em um velho colchão que Eve colocava no chão todas as noites não sem antes, ir ao bar comprar pinga para seus tios. Os velhos ficavam sentados no sofá bebendo e fumando cigarro de palha e se Eve passasse pela sala por qualquer motivo o tio dizia:

— Vem aqui sentar-se no colinho do titio, vem.

Eve fugia assustada para fora levando o irmão com ela, enquanto o tio ria e bebia até que pegasse no sono completamente embriagado. Aquela casa fedia à maldade misturada com o cheiro de cigarros e bebidas.

Então, os dois entravam, sigilosamente, e arrumavam a caminha no chão do quarto sem fazer barulho, porém, Eve protegia Carlinhos e ficava acordada com medo que o tio fosse para o quarto e mexesse com ela.

Certa noite, sua tia madrasta passou muito mal e foi hospitalizada com uma grave insuficiência cardiovascular; faleceu no outro dia. O velho nem fez o sepultamento alegando não ter condições, deixando a responsabilidade para o filho dela. Alguns dias depois, tio João esperou que Eve fosse para o trabalho e levou Carlinhos para um orfanato, dizendo não ter mais como sustentar duas crianças, sendo ele um homem velho e doente. Justamente naquela noite, enquanto Eve retornava para casa, sentiu algo estranho escorrendo por suas pernas, ficou tão assustada que adentrou correndo e não percebeu que Carlinhos não a esperava. Seu tio devia estar no bar como de costume, depois que a amásia faleceu ele bebia com os companheiros de pinga. Ela começou a procurar o menino, e nada dele aparecer. Pensou estar enlouquecendo, chamava-o, mas Carlinhos nada de aparecer, desespero total, até que a porta se abriu e o tio entrou completamente embriagado. Desnorteada Eve questionou:

— Onde está o meu irmão, velho pingüço?



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

2018